



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People **IBBY**

Notícias 1

Nº. 1 Vol. 20 - Janeiro de 2000

2 de abril: Dia Internacional do Livro Infantil



A cada ano uma seção do IBBY cria e divulga a mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil, comemorado em 2 de abril (aniversário de Hans Christian Andersen).

Este ano a mensagem vem da Finlândia, que convidou dois artistas do país para desenvolver o tema "O Segredo está no Livro, no Livro está o Segredo". Hannele Huovi escreveu a mensagem, que publicamos na página 5, e Mika Launis ilustrou (ao lado). As próximas seções do IBBY a promover o DILI são a Hungria (2001) e a Áustria (2002).

A intenção da FNLIJ ao publicar a mensagem todo início de ano é contribuir para a valorização da literatura no espaço da escola, em casa ou na biblioteca.

LEIA NESTA EDIÇÃO:

- Resultado do 4º Concurso "Os melhores programas de incentivo à leitura" (página 2)
- 27º Congresso do IBBY (páginas 4 e 5)
- I Salão do Livro para Crianças e Jovens (páginas 6 e 7)

4º Concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens de Todo o Brasil FNLIJ • PROLER”

A cada ano cresce o número de inscritos no Concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil”. Em 99, a FNLIJ e o PROLER, organizadores do concurso, receberam 208 projetos, enviados por 146 municípios de 21 estados e do Distrito Federal. Esse universo inclui entidades públicas e privadas, representadas por escolas, bibliotecas, fundações, sociedades comunitárias e pessoas físicas. Os três primeiros colocados são originários de três estados, cidades e realidades totalmente diversos.

A entrega dos prêmios aos vencedores aconteceu no dia 9 de dezembro do ano passado, em cerimônia na Casa da Leitura, sede do PROLER, no Rio de Janeiro. Estiveram presentes o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Eduardo Portella, a bibliotecária francesa Geneviève Patte, a fundadora e membro do Conselho Diretor da FNLIJ, Laura Sandroni e os professores Emir Swaiden e Jane Paiva. Na platéia, lotada, estavam os participantes do Encontro Nacional do PROLER, que se encerrava naquele dia.

O grande vencedor do 4º concurso foi o programa “Mala de Leitura”, do Projeto Seringueiro do Centro de Trabalhadores da Amazônia, de Xapuri, Acre. O desafio desse trabalho – preservar a cultura específica e particular das comunidades extrativistas e, ao mesmo tempo, promover o acesso ao saber universal através da literatura – encantou os jurados do concurso.

O 2º colocado, “Biblioteca Solidária – Leitura Extra-Escola, Exercício Pleno da Cidadania”, veio da Escola Santa Maria, de Uberaba, Minas Gerais. Aqui, destaca-se o sentido social dado à leitura através do trabalho de motivação dos alunos a se tornarem leitores voluntários para idosos, analfabetos e deficientes.

Em 3º lugar ficou o programa “Mala do Livro”, do Depar-

tamento de Bibliotecas da Secretaria de Cultura de Brasília, Distrito Federal. Hoje instituído por Decreto Oficial, o programa começou por iniciativa da professora Neuza Dourado Freire que resolveu, inspirada na experiência de Geneviève Patte, visitar comunidades carentes que não possuíam bibliotecas levando cestas de livros para empréstimo às famílias.

Os vencedores receberam como principal prêmio uma coleção de títulos infantis e juvenis selecionados e doados pela FNLIJ. O 1º lugar recebe 500 títulos, o 2º 300, e o 3º 100 livros. Além disso, todos ganham ainda publicações da FNLIJ, do PROLER e da ALB.

O júri considerou “Hors Concours” os projetos “Biblioteca Infanto-juvenil Maria Mazzetti” da Fundação Casa de Rui Barbosa/RJ e “Programa Infanto-juvenil do SESC” de Porto Alegre/RS.

HISTÓRICO DO CONCURSO

O concurso “Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil” foi criado pela FNLIJ em 1994, tendo como modelo o concurso internacional “IBBY-Asahi Reading Promotion Award”, promovido pelo IBBY em parceria com a empresa jornalística japonesa Asahi-Shimbun. Em ambos, a idéia principal é reconhecer e incentivar o esforço de instituições ou pessoas que desenvolvem programas originais e consistentes de incentivo à leitura para crianças e jovens.

Em sua primeira edição, o concurso restringiu-se ao estado do Rio de Janeiro, e recebeu 15 projetos. Em 97, a FNLIJ retomou a idéia em parceria com o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER (FBN/MinC) e o concurso tornou-se nacional e anual. De 97 até 99, o número de inscritos passou de 135 para 208 projetos.

15º Concurso L’Octogonal Ricochet

Recebemos do Centro Internacional de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil, da França, o resultado do 15º concurso gráfico **L’Octogonal Ricochet**. O Brasil é o único país que aparece com dois classificados na categoria autor estrangeiro.

A consagrada escritora e ilustradora mineira Angela Lago aparece na lista pela terceira vez, agora com o divertido *ABC doído* (Ed. Melhoramentos). Em anos anteriores Angela ganhou o **L’Octogonal** em sua principal categoria com *Cena de rua* (RHJ) e *Cântico dos cânticos* (Paulinas).

O outro brasileiro classificado é *Criação* (Terra Editoria), dos também mineiros Geruza Helena Borges e Francisco Marques, com ilustrações de Demóstenes Vargas. Os demais estrangeiros listados pelo **L’Octogonal Ricochet** são representantes da Síria, Itália, Eslováquia, África do Sul, Áustria e Portugal. A FNLIJ parabeniza os autores brasileiros por mais essa conquista.

RECOMENDAÇÕES

Pacífico, o gato. Branca Maria de Paula. Il. de Aldemir Martins. São Paulo: Paulinas, 1999. n.p.

Os sentimentos humanos em relação aos felinos sempre oscilaram da irredutível aversão ao desmesurado fascínio. Este livro traz uma narrativa que mostra a relação de ternura e encanto entre um gato e uma criança, que observa e se diverte com o comportamento do bichano. Belo livro, de elegante projeto gráfico com páginas que se desdobram e permitem ao leitor penetrar nos mistérios deste animal. As ilustrações, de cores vividas e técnicas mistas, do premiado artista plástico Aldemir Martins, ressaltam uma característica marcadamente felina: a liberdade.

Quem faz o quê? Ricardo Aleixo. Il. de Regina Miranda. Belo Horizonte: Formato. 28p.

Neste belo e atraente livro, Ricardo Aleixo enumera várias ações e seus respectivos sujeitos; animais ou elementos da natureza; utilizando afirmações estruturadas em curtos versos. Alguns são desconcertantes, outros quase filosóficos: “Morrer é com os vivos”, “Durar é com o tempo”, “Morder é com os dentes”, “Voar é com as pedras”. A linguagem do texto é precisa, simples e ágil. Ao final, através de um lírico neologismo, subverte o sentido e surpreende o leitor. Um elegante e esmerado projeto gráfico com as coloridas ilustrações de Regina Miranda que, ao ocupar toda a dimensão do livro, permitem que o leitor alcance novos e plurais sentidos na leitura.

André Muniz de Moura

ABC doido. Angela Lago. Il. da autora. São Paulo: Melhoramentos, 1999. np.

Mais uma vez inovando na criação de desenhos feitos no computador, a premiada escritora e ilustradora Angela Lago aqui brinca com as palavras e as formas, explorando o alfabeto com ludicidade. Com um projeto gráfico adequado aos pequenos leitores a obra estimula a curiosidade e as descobertas da criança. Tanto o texto quanto as ilustrações lidam com brincadeiras e ritmo, que envolvem os leitores no jogo da história. O belo projeto gráfico valoriza a relação forma/conteúdo, tão fundamental na educação do olhar da criança.

Exercícios de ser criança. Manoel de Barros. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilú, Martha, Sávia Dumont sobre desenhos de Demóstenes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999. np.

Partindo de objetos simples como uma peneira, um caixote e duas latas de goiabada, o consagrado poeta do centro-oeste brasileiro leva as crianças pelas trilhas da poesia e da brincadeira. Ao falar de vazio, de despropósitos, transporta o leitor para o território do imaginário, onde as perguntas não precisam de respostas prontas, mas levam a outras dúvidas. As duas histórias “O menino que carregava água na peneira” e “A menina avoadada” estão bordadas pela família Dumont que cria imagens em relevo dentro do contexto lírico do texto. Desenhos e textos falam do ser criança que há em cada um de nós, o olhar do leitor é levado ao mundo da poesia e da plástica.

Ninfa Parreiras

Dica de Leitura

Rui de Oliveira, ilustrador de quase cem livros para crianças, dá a primeira **Dica** do ano para os leitores do *Notícias*. Ele é o autor de *A bela e a fera* (FTD), premiado pela FNLJ em 94 como “O Melhor Livro de Imagem” e ilustrador de *Uma ilha lá longe* (Record), de Cora Rónai, ganhador do Prêmio “O Melhor para a Criança” em 97.

Rui é professor da Escola de Belas Artes da UFRJ e dedica-se também ao cinema de animação, tendo lançado recentemente o desenho animado “Amor Índio”, o primeiro de uma série para televisão baseado em contos populares latino-americanos.

“Entre os textos que li recentemente, e por interessar a todos aqueles que escrevem e ilustram para crianças, indico o livro *Da Fera à Loira*, de Marina Warner, editado pela Companhia das Letras. É um estudo muito interessante sobre a participação e sabedoria femininas na preservação e divulgação dos contos de fadas, além do papel que a mulher representa nestes textos, às vezes milenar, como é o caso de Cinderela. A análise se

estende desde Sibilas até a “Mamãe Gansa”, com seus simbolismos e contradições. A única ressalva que faço é que, vez por outra, peca pelo excesso de informações. Mas isto, em absoluto, não prejudica a qualidade extraordinária do livro, além de ser fartamente ilustrado. Indico veemente a sua leitura”.

Rui de Oliveira

27º Congresso do IBBY: países latino-americanos serão destaque

A 27ª edição do Congresso Internacional do IBBY acontece, como já anunciamos aqui, entre os dias 18 e 22 de setembro em Cartagena, na Colômbia. Organizado pelas seções latino-americanas da entidade, o congresso tem como tema “O Novo Mundo para um *mundo novo*: livros infantis para o novo milênio”.

Diversas atividades estão sendo preparadas para atrair à Colômbia o maior número de profissionais de diferentes áreas. Serão discutidas, sob o tema geral, as relações culturais entre o continente americano e o velho mundo e entre o norte e o sul e ainda, mais especificamente, o papel da literatura infantil neste encontro de dois mundos. Também será motivo de reflexão o papel que o livro e a leitura ocuparão na formação das crianças e jovens no novo milênio.

Serão nove **Conferências** que abordarão, entre outros, os seguintes temas: “Diversidade e Multiplicidade de Culturas”, “Ética e Literatura Infantil”, “O Leitor do Século XXI” e “Literatura: função social, democratização e acesso”. Já nos dez **Seminários** programados, os participantes apresentarão suas comunicações, que deverão estar relacionadas a questões como: “A crítica literária”, “A tradução como mediação cultural”, “Literatura infantil e televisão” e “A literatura e as crianças deficientes”.

Ainda dentro do programa de atividades acadêmicas, estão previstas três **Mesas-redondas** e sete **Encontros** com profissionais nos quais bibliotecários, escritores, ilustradores, editores, educadores, revistas especializadas e colaboradores do Bookbird de todo o mundo poderão se reunir e trocar experiências.

Os temas escolhidos para serem discutidos nas **Mesas-redondas** também devem interessar aos profissionais brasileiros, principalmente os editores: “Leitura e novas tecnologias”, “Circulação de livros na América Latina” e “A edição de livros na América Latina”.

O moderno e bem equipado Centro de Convenções de Cartagena, com capacidade para 4 mil pessoas, abrigará as conferências, seminários, mesas-redondas e encontros de profissionais que fazem parte do programa de atividades acadêmicas do evento. Além dessas, há as atividades culturais e institucionais do IBBY, como a assembléia geral para eleger o novo Comitê Executivo da entidade e a entrega do Prêmio Hans Christian Andersen.

A partir deste número do *Notícias* estaremos publicando uma coluna permanente com as novidades do 27º Congresso Internacional do IBBY. Lembramos a todos os profissionais que trabalham com literatura infantil e



juvenil que esta é uma oportunidade especial de participar de um congresso do IBBY, já que é a segunda vez em toda a história da entidade que este se realiza em solo latino-americano. A primeira foi em 1974, organizado pela FNLIJ no Rio de Janeiro, e se tornou um marco no país. Acompanhe as notícias do congresso do IBBY e informe-se na FNLIJ sobre como participar.

CONCURSO UTOPIA DE ILUSTRAÇÃO

A Fundalectura, seção colombiana do IBBY, está convidando todos os ilustradores latino-americanos e do Caribe que trabalham com livros para crianças e jovens a se inscrever no concurso UTOPIA. O objetivo é promover e mostrar ao mundo o trabalho de ilustração realizado na América Latina e no Caribe. A exposição dos trabalhos premiados fará parte das atividades especiais do 27º Congresso Internacional do IBBY. Depois, UTOPIA viajará pelos países membros do IBBY na América Latina e representará a região em eventos internacionais.

Para participar, os artistas devem criar uma ilustração baseada em fragmento do discurso “A solidão da América Latina”, pronunciado pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura na Suécia, em 1982. Um júri internacional selecionará um máximo de 80 obras que participarão da mostra e premiará um trabalho, além de conceder eventuais menções honrosas. A data limite para envio dos trabalhos é 1º de junho de 2000. O regulamento da exposição e o artigo de Gabriel García Márquez estão disponíveis na FNLIJ. Informações pelo tel. (21) 262-9130.

IBBY-ASAHI READING PROMOTION AWARD 2000

O International Board on Books For Young People – IBBY divulgou em seu último informativo, de dezembro de 99, o resultado do concurso internacional “IBBY-Asahi Reading Promotion Award”. O vencedor do IBBY-Asahi 2000 é o projeto “Tambogrande Siembra Lectura” (Tambogrande Semeia Leitura), do Peru.

A cidade e o distrito de Tambogrande, uma região rural no norte do Peru, promovem a leitura desde 1964, quando foi inaugurada a primeira biblioteca pública. Várias pessoas trabalham para promover a cooperação entre as bibliotecas públicas e as comunidades que fazem parte da área rural de Tambogrande.

O objetivo desse trabalho é reduzir o analfabetismo utilizando para isso diversos materiais de leitura. Também é meta do Tambogrande reforçar o processo de paz entre Equador e Peru através do reconhecimento da história comum e das tradições culturais dos dois países. Durante o período de graves enchentes que atingiram a área, de 1993 a 1998, os idealizadores continuaram a promover o acesso dos jovens aos livros.

“Tambogrande Siembra Lectura” também se propõe a resgatar as histórias do folclore local através da coleta de histórias, redescobrimo a tradição oral, tornando as histórias atrativas para os jovens leitores. A entrega do prêmio de 1 milhão de ienes (aproximadamente R\$ 20 mil) acontecerá no dia 29 de março próximo, durante a Feira do Livro de Bolónha, na Itália.

(Fonte: IBBY Newsletter 11, dezembro de 1999)

“O Segredo está no Livro, no Livro está o Segredo”

Eu estava muito curioso e impaciente. Estava sentado aos pés do Grande Velho escutando-o cantar. Cantando ele conseguia fazer com que as pedras ficassem tão leves que flutuavam na água. Enquanto cantava, as ilhas deslizavam para o meio do lago. Ele cantava as estrelas para os céus e tudo ficava de cabeça para baixo quando ele cantava.

– Quando é que me tornarei um verdadeiro mágico? – perguntei-o, puxando a bainha de veludo de sua capa de mágico.

– Logo – disse o Grande Velho e continuou cantando.

O pêlo de seu gato começou a brilhar e o rabo arrepiou. Ele via alguma coisa que eu não conseguia ver.

– Sou muito jovem? – perguntei com curiosidade.

– Não – respondeu o Grande Velho e continuava cantando.

Um pássaro voou para os ombros do mágico alisando suas penas com o bico. Balançou a cabeça e me olhou fixamente com seus olhos de pássaro.

– Sou muito pequeno? – perguntei.

– Não. Não tem nada a ver com seu tamanho – disse o Grande Velho e continuava cantando.

Sua música fez com que o cume das árvores zunissem. Ele provocou o vento e logo estávamos rodeados por um barulho sibilante, ensurdecedor. O vento forte jogava os galhos mortos no chão. O barulho furioso das árvores era assustador e eu me curvei, olhando para meus pés.

– Meus dedos dos pés são muito pequenos? – perguntei.

– O quê? – perguntou o mágico, olhando-me espantado. As árvores pararam de fazer o estrondoso barulho.

Mostrei ao mágico meus dedos.

– Um mágico deve ter mãos grandes? – perguntei.

– Não – respondeu o Grande Velho com um sorriso.

Peguei uma florzinha de uma moita e cherei-a. Tinha um cheiro delicioso.

– Um mágico deve ter um nariz maior? – perguntei.

– Não – respondeu o Grande Velho. Ele estava quase rindo.

Eu estava cheio de curiosidade e impaciente. Não conseguia mais esperar. Nasci mágico mas não tinha nenhum poder. Não sabia como exercê-lo. Olhei para o pelo do gato, que brilhava. As pedras encantadas pelo mágico flutuavam no ar. Decidi perguntar mais uma vez.

– Quando é que eu me tornarei...? – comecei a falar.

Naquele instante, o Grande Velho abaixou-se e tirou um livro de dentro de sua sacola. Sorriu e disse:

– O segredo está no livro, no livro está o segredo.

I Salão do Livro para Crianças e Jovens

5 de novembro de 1999. Para sempre esta data estará marcada na história da FNLIJ como o dia da concretização de um sonho. É que nesse dia começava, no Museu de Arte Moderna do Rio (MAM), o I Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizado pela FNLIJ com o apoio decisivo dos 34 editores que compraram estandes, da Empresa de Marketing Cultural – EMC e da direção do MAM.

Mais que uma feira de livros, o Salão foi o espaço de valorização da leitura literária na formação do cidadão (não havia livros didáticos no evento). Entre 5 e 15 de novembro o MAM abrigou atividades permanentes em torno do livro e da leitura: encontros com escritores e ilustradores, leitores de história, seminários, mesas-redondas e grandes lançamentos.

Entre esses, o grande destaque foram os três títulos lançados por Lygia Bojunga: *O Rio e eu* (Salamandra), *A cama e Feito à mão* (ambos pela Agir). Há anos vivendo entre o Rio e Londres, Lygia fez questão de apoiar a iniciativa da FNLIJ e nos presenteou com seu “Depoimento”, monólogo baseado nas três obras lançadas, apresentado na cinemateca do MAM.

Dispensável dizer quão concorrido foi o evento, com muita gente querendo ver a única brasileira premiada com o Hans Christian Andersen, maior prêmio da literatura infantil e juvenil, concedido pelo IBBY. No dia seguinte foi a vez das crianças tornarem-se o centro das atenções no MAM.

Acompanhados dos pais, professores, tios ou avós, meninos e meninas fizeram o sucesso do Salão. Num ambiente bonito e simples, elas puderam desfrutar da oportunidade de LER e ouvir histórias sem pressa ou correrias, percebendo a força transformadora desse pequeno e poderoso objeto que é o LIVRO. A secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra fez questão de destacar que “o I Salão evidenciou a importância do

afeto, da calma, da simplicidade e da necessidade de partilhar a leitura entre adultos e crianças e de humanizar o espaço de *feira*”.

Mas ainda que não tenha sido um evento puramente comercial, o Salão foi um sucesso também em números de lançamentos e venda de títulos, o que comprova o crescimento do mercado editorial brasileiro. Cerca de 6 mil títulos foram expostos por 36 editoras especializadas.

Para Elizabeth Serra, o grande diferencial do Salão em relação às outras feiras de livros foi mostrar a todos a importância de valorizar a leitura de qualidade, em particular a literária, “principalmente quando o assunto é a formação de novas gerações”.

Não podemos deixar de destacar também a inclusão do Salão no calendário da campanha “Paixão de Ler”, promovida pela prefeitura do Rio praticamente ao mesmo tempo que o Salão.

A FNLIJ, através da EMC, está preparando um *book* sobre o I Salão para registrar o evento. O objetivo é mostrar a importância da produção de livros de literatura e informativos de qualidade para crianças e jovens. Pretende-se dar destaque às discussões e ações sobre a necessidade de garantir o direito a todos de uma educação de qualidade, que compreenda literatura e leitura, uma vez que num mundo em constante mudança uma formação cultural rica e variada é decisiva para a formação de uma postura crítica e criativa.

Sem dúvida, foram 11 dias de muito trabalho, mas também de alegria e esperança num país melhor. Para isso é preciso que todos tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento, e entre essas a opção de ser LEITOR é essencial. Esperamos todos no II Salão.

BIBLIOTECA MODELO E ESPAÇO DE ATIVIDADES

A Biblioteca Modelo montada pela FNLIJ logo à entrada do Galpão das Artes foi certamente um dos espaços mais alegres e disputados de todo o evento. Com mil títulos, cuidadosamente escolhidos entre os Premiados e Altamente Recomendáveis da FNLIJ, a biblioteca atraía até cem crianças ao mesmo tempo. O espaço foi montado com mobiliário da Desk Móveis próprio para crianças.

A bibliotecária da FNLIJ, responsável pela Biblioteca Modelo, Maraney Freire, não escondia o orgulho ao comentar o sucesso do espaço: “Ficou realmente bonito e aconchegante, com livros selecionados especialmente para que todas as crianças leiam e ouçam histórias. Ficou simples e alegre como a própria infância”.

Autores como Ziraldo, Ferreira Gullar, Carlos Eduardo

Novaes, Pedro Bandeira, Mariana Massarani, Roger Mello e Chico Alencar estiveram no Espaço de Atividades da FNLIJ para lançar e autografar seus livros ou simplesmente encontrar-se com seus pequenos e jovens leitores. No Domingo 14 a escritora Nilma Lacerda fez uma bela leitura de textos infantis de Clarice Lispector - os livros infantis da autora foram relançados pela Editora Rocco no Salão.

A FNLIJ reservou, também no Espaço, um grande painel onde os ilustradores pintaram e desenharam ao vivo, na frente do público e dos próprios colegas. Essa é uma proposta pioneira da FNLIJ, organizada pela primeira vez na bienal do Rio de 95 a pedido dos próprios artistas. Dessa vez participaram Angela Carneiro, Elvira Vigna, Mariana Massarani, Regina Yolanda, Roger Mello, Elizabeth Teixeira, Guto Lins, Maurício Negro e Victor Tavares.

LANÇAMENTOS

No Espaço de Atividades da FNLIJ aconteceram os lançamentos de livros com a presença dos autores. Veja alguns:

Passo a passo no compasso, de Lúcia Fidalgo; *O menino e o tempo*, de Bia Hetzel; *O Príncipe sem sonhos*, de Márcio Vassalo (Brinque-Book); *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria*, de Georgina da Costa Martins (DCL); *Machado e Juca*, de Luis Antônio Aguiar; *Em Boca fechada não entra mosca*, de Fátima Miguez; *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo*, de Christiane Gribel (Salamandra); *Um dia com as pimentas atômicas*, de Isabel Vieira (Moderna); *Meninos eu conto*, de Antônio Torres (Record), e *Aí tem coisa*, de Graziela Hetzel (Manati).

Além desses, foram relançados pela Rocco e pela Record, respectivamente, clássicos de Clarice Lispector (*A mulher que matou os peixes*, *Quase de verdade*, *O mistério do coelho pensante* e *A vida íntima de Laura*) e Malba Tahan (*Salim, o mágico* e *Lenda do Oásis*).

LANÇAMENTO DO 2º PNBE

No dia 11 o Salão foi palco do lançamento oficial do 2º acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola, do Governo Federal, para o qual a FNLIJ fez a seleção dos títulos. O ministro da Educação, Paulo Renato de Souza veio ao Rio especialmente para o lançamento e fez questão de que o evento acontecesse na Biblioteca Modelo do Salão.

A FNLIJ selecionou 105 dos 109 títulos de literatura infantil e juvenil que já estão sendo distribuídos a 36 mil escolas públicas de todo o país. Muitos autores que tiveram livros incluídos na lista também compareceram ao lançamento do PNBE-2 a convite do MEC. Entre eles Ziraldo, Juarez Machado, Rui de Oliveira, Leo Cunha, Bia Hetzel, Rogério Andrade Barbosa, Mary e Eliardo França.

Antes da fala do ministro, tiveram a palavra a secretária de Educação do Estado do Rio, Lia Faria, representando o governador Garotinho, a sub-secretária de Educação do Município do Rio, Heloísa de Oliveira, a secretária-executiva do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), Mônica Messemberg, a presidente do Conselho Diretor da FNLIJ, Regina Bilac Pinto e a secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra.

“Os PCN apontam para um sistema educacional que utilize obras de literatura e de referência, mas na realidade de nosso país não podemos prescindir do livro didático”.

Bem-humorado e visivelmente feliz com a realização do projeto, o ministro Paulo Renato discursou sobre a importância do PNBE no programa educacional do Governo. “Nós hoje estamos concluindo um ciclo de montagem de uma

infra-estrutura para a leitura. Há cinco anos nós definimos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que hoje abarcam todo o ensino básico e servem como referência de alta qualidade para o que nós esperamos que seja a educação brasileira. O PNBE é uma coleção de excelência, uma “brasileira” que contém as principais obras de literatura, sociologia, economia, história, ciências políticas e obras de referência, totalizando 215 volumes.

Os PCN apontam para um sistema educacional que utilize obras de literatura e de referência, mas na realidade de nosso país não podemos prescindir do livro didático. Queremos garantir que as escolas recebam o livro, que elas tenham suas bibliotecas, e que o professor tenha instrumentos para fazer o seu trabalho. Por isso podemos dizer que estamos fechando

“Eu quero lançar um desafio para o país: vamos transformar o Brasil num país de leitores”

um ciclo. Vamos realizar o sonho do Ziraldo de fazer deste um “país de leitores”. Os PCN sendo usados, os livros serão mais usados. Eu quero lançar um desafio para o país: vamos transformar o Brasil num país de leitores. O livro é uma companhia, é uma forma de interação com o autor, com a realidade, com o imaginário. O livro desperta curiosidade, fantasia, emoção. E é isso que nós queremos levar à totalidade das crianças brasileiras. Não poderia haver local mais apropriado para lançar o PNBE que este Salão”.

OUTRAS ATIVIDADES DO SALÃO

A cinemateca do MAM abrigou, nos dias 8, 11 e 12 as mesas-redondas do seminário “Ler é preciso”, organizado pela FNLIJ com o apoio da Cia. Suzano de Papel e Celulose com o objetivo de promover reflexões sobre o livro e a leitura. O público, embora pequeno, era de pessoas familiarizadas com o assunto, o que garantiu a qualidade das discussões.

País, educadores, especialistas e autores participaram das mesas-redondas “Discutindo o espaço da leitura de livros para crianças e jovens na imprensa escrita”, “O papel do livro informativo na educação de crianças e jovens”, “A necessidade de ler bons livros”, “Seleção de livros para crianças e jovens” e “A biblioteca na formação do leitor” e “Ler é preciso”.

Entre os convidados a participar desses eventos estavam os autores Ziraldo, Antonio Torres, Regina Yolanda, Roger Mello, Luiz Raul Machado e Márcio Vassalo, e os especialistas Marta de Senna (professora de literatura da UFRJ), Rosá Cuba Riche (coordenadora da Oficina da Palavra e votante da FNLIJ) e a Dra. Sônia Salviano, de Brasília (presidente do departamento científico de aleitamento materno da Sociedade Brasileira de Pediatria).

Também na cinemateca, no dia 12, aconteceu o “Encontro de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil – AEILIJ”. Sob a coordenação de Rogério Andrade Barbosa e Luiz Antônio Aguiar, escritores e ilustradores discutiram a relação “Literatura e Escola” e os direitos autorais da classe.

O SALÃO NA MÍDIA

A primeira notícia sobre a realização do Salão do Livro para Crianças e Jovens foi publicada ainda em abril do ano passado, na coluna de Ricardo Boechat, no Globo. A partir daí, o interesse da mídia pelo evento começou a crescer. Nas semanas que o antecederam e durante a sua realização, os

principais jornais, emissoras de rádio e canais de televisão do país deram destaque ao Salão.

AGRADECIMENTO

Ficamos imensamente felizes e agradecidos com a decisão da Editora do Brasil de patrocinar a publicação do catálogo “Literatura Infantil e Juvenil: obras premiadas e acervos selecionados”. A doação de dois mil exemplares do catálogo foi um belo presente e em boa hora, já que foi possível lançá-lo no I Salão do Livro para Crianças e Jovens. Não podemos deixar de agradecer também a Isis Valéria Gomes, que desde o princípio empenhou-se em conseguir a doação, intermediando as negociações com a Editora do Brasil.

O catálogo está à venda na sede da FNLIJ. Informações pelo tel. (21) 262-9130 ou no email fnlij@ax.apc.org.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Ave Maria, BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Publicadora Brasileira, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compor, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Encyclopaedia Britannica do Brasil, Exped, Formato, FTD, Global, Editora Globo, Gryphus, Hamburg Donneley Gráfica, José Olympio, Lê, Letras e Letras, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Relume-Dumará, RHJ, Rideel, Rocco, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers •

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Rúbia Mazzini • Revisão: Ninfa Parreiras • Diagramação: Marcelo Ribeiro

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lilia Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães • Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) • Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Genildo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente Notícias.
Tel.: (21) 262-9130
e-mail: fnlij@ax.apc.org
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (021) 262 9130 fax: (021) 240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org

Literatura infantil: livro e mercadoria na Pré-Escola.

Por Maria das Graças Monteiro Castro

Este estudo originou-se da experiência vivida como educadora e livreira especializada em literatura infanto-juvenil durante dez anos atendendo escolas da rede particular de ensino de Goiânia. No decorrer desse período, o mercado de livros infantis foi se firmando numa associação cada vez maior às adoções escolares. As escolas particulares de Goiânia foram, por um bom tempo, as maiores clientes da Flicts Livraria, porque estavam em busca das novidades do universo da literatura infantil, tão pouco conhecido por elas, e porque necessitavam de mediadores para a seleção dos títulos disponíveis no mercado.

A Flicts Livraria surgiu em 1988, na auge da produção editorial brasileira de livros infantis, e concentrou suas ações na promoção e circulação dessa produção em Goiânia, uma vez que os distribuidores de inúmeras editoras do gênero atuando na cidade encontravam-se mais voltados para a promoção do livro didático. Além de ampliar a divulgação e circulação do livro infantil em Goiânia, essa livraria iniciou uma série de ações que também promoviam o debate teórico sobre o gênero. Um exemplo é sua presença entre os patrocinadores do Simpósio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, desde seu surgimento, em 1988, até sua sétima edição, em 1995. Foi por meio dessas promoções que Goiânia teve a oportunidade de conhecer autores consagrados da literatura para criança, como Bartolomeu Campos Queirós (1988), Ziraldo (1989), Ana Maria Machado (1990), Angela Lago (1990), Ruth Rocha (1991), entre outros.

Aliada à pouca tradição da população goianiense de freqüentar livrarias, especialmente para crianças, a clientela da Flicts se caracterizou pelo atendimento a escolas em busca do vasto universo de títulos que estava sendo posto no mercado e da articulação do trabalho literário com o cotidiano pedagógico. A presença de pais consumidores, com poucas e boas exceções, sempre esteve vinculada às exigências escolares. A vinculação do livro de literatura infantil ao universo escolar terminou reduzindo-o à condição de material didático, condicionado ao domínio do processo de alfabetização. Até a criança começar a ler, raramente os pais, clientes da livraria, ofereciam a elas o livro como possibilidade de entretenimento e lazer, passando a fazê-lo por intermédio da escola.

Como são raras as pesquisas que investigam o efeito das ações da indústria editorial nas escolas quanto ao acesso das crianças ao livro, com base na experiência acumulada ao longo de dez anos de existência da Flicts Livraria, foi proposto um estudo sobre a relação do mercado editorial com o livro de literatura infantil e o universo escolar.

Com as transformações ocorridas na educação infantil e, principalmente,



FNLIJ

Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo n.º 9

com o avanço das estratégias de marketing adotadas pelas editoras para atingir as escolas, o livro infantil passou a ocupar, também na pré-escola, um espaço razoável como recurso didático. O crescimento do número de livros oferecidos para crianças entre zero e cinco anos reflete, ao longo da década de 1990, a precoce escolarização infantil e o caráter didático-pedagógico que o livro literário tem na escola - características favorecedoras da expansão da indústria editorial.

O caráter didático conferido ao livro literário brasileiro em geral - mais, acentuadamente ao infanto-juvenil - no contexto escolar pode estar relacionado com um dado que extrapola a história da literatura infantil, embora tenha promovido uma mudança radical em seu curso: a reforma de ensino proposta pela lei 5.692/71, que institucionalizou a adoção de obras literárias na escola. Estava instituída a relação de dependência entre a produção de livros de literatura infanto-juvenil e o contexto escolar. E em função da falta de preparo das próprias escolas para lidar com o novo recurso e para que melhor se ajustasse às necessidades e exigências do currículo, esse gênero submeteu-se à redução de suas características literárias.

Desde então, o mercado editorial organiza-se para induzir o professor a utilizar a literatura com o propósito de garantir o bom desempenho gramatical do aluno ou em estudos específicos de Ciências ou de qualquer outra disciplina. As editoras passam a lançar obras tendo em vista a escola como fonte direta de consumo e a obra literária como pretexto para aquisição de conhecimentos ou hábitos não relacionados com a literatura. O despreparo do professor para absorver o livro de literatura como recurso didático facilita a ação das editoras.

Apesar de suas características constitutivas bastante singulares, o livro aparece primeiramente como mercadoria, inserido num setor da produção capitalista e, como tal, é rentável, ou seja, produz lucro. Para garantir o lucro, seus produtores utilizam recursos próprios da dinâmica necessária

ao desenvolvimento do capital. No entanto, mesmo sendo mais uma das inúmeras mercadorias postas para o consumo pela indústria cultural e estar submetido às mesmas condições de produção, comercialização e consumo dos outros produtos, o livro literário ainda guarda em sua forma a relação, simultânea e indissociável, do material com o espiritual. Este torna-se, ao mesmo tempo, veículo de massificação pelo modo como é tratado, e possibilidade de superação dessa condição, pelas características inerentes à criação artística.

No intuito de verificar a atuação da indústria editorial no ambiente escolar, buscou-se, a partir da pesquisa realizada em duas escolas particulares de Goiânia, identificar as formas de circulação do livro de literatura para criança na pré-escola, bem como seu uso; caracterizar os ambientes de leitura disponíveis e, sobretudo, explicitar a forma de participação do mercado editorial no processo.

A escolha de escolas da rede privada, para a realização deste trabalho, justificase pela necessidade de estudar escolas em condições mais favoráveis quanto à possibilidade de aquisição de livros. Nas escolas da rede pública, com o agravante da limitada condição financeira da maioria dos alunos, a situação da leitura é ainda mais dramática, uma vez que os programas de doação de livros mantidos pelo Governo Federal favorecem apenas uma parcela das escolas e os demais fatores, como o preparo dos professores e a disponibilidade de espaço, não são muito diferentes.

A metodologia escolhida mostrou-se efetiva para a elucidação do problema da circulação do livro de literatura infantil entre crianças da pré-escola, na medida em que permitiu evidenciar alguns pressupostos formulados anteriormente: (1) o mercado editorial interfere no modo como, na escola, o livro de literatura infantil é inserido na prática pedagógica; (2) na escola, o livro adquire um caráter e um tratamento de livro didático; (3) as ações de marketing da indústria editorial induzem ao uso didático do livro literário e as escolas reforçam essa prática confinando a literatura no espaço

pedagógico; (4) a escola, apesar de ser o espaço por excelência de iniciação da criança no universo literário, não produz as condições mínimas para que isso ocorra.

A pesquisa confirmou a hipótese que orientou esse estudo: a relação estabelecida pela criança com o livro de literatura sofre interferências das ações de marketing da indústria editorial. Além disso, permitiu avançar para a afirmação de que o caráter de livro didático emprestado à obra literária é reafirmado pelas editoras em suas ações de promoção do produto, o que interfere decisivamente na natureza da interação da criança com a literatura.

Verificou-se, ainda que, apesar de as escolas pesquisadas apregoarem o estímulo à leitura e a importância da literatura infantil na fase pré-escolar, elas ainda não dispõem de alguns pré-requisitos fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho que extrapole as práticas condicionantes do livro didático. Por exemplo, não existe um investimento efetivo na formação do professor como mediador de leitura, nem tampouco lhe é cobrada essa condição; não se registrou um encaminhamento didático-pedagógico subjacente à orientação e produção da leitura literária visando assegurar maior liberdade ao leitor; e não existe estrutura física e material que garanta às crianças uma biblioteca num espaço apropriado, com equipamentos e acervos adequados e, o essencial, com recursos humanos preparados.

A pesquisa sugere que as escolas, em especial as de grande porte, têm sido basicamente um dos pontos de escoamento dos produtos da indústria editorial, não reunindo sequer condições para uma circulação mais ampla e diversificada dos títulos disponíveis no mercado. A intensificação da relação comercial entre escolas e editoras contribui para um processo de banalização do livro de literatura no espaço escolar, pois, ao enquadrá-lo como material didático, acaba transformando-o em um produto descartável que tem sua aquisição, uso e tratamento determinados pelas ações do mercado editorial.

As especificidades do mercado livreiro,

com suas ações de divulgação e marketing, encontram-se determinadas pela capacidade de faturamento que cada escola possa vir a significar. Desse modo, o fluxo do livro de literatura infantil, o acesso a ele e, conseqüentemente, as condições de leitura no ambiente escolar encontram-se determinados pela indústria editorial. Mesmo quando não mantém um contato freqüente com as escolas, como é o caso da Escola II, o mercado não deixa de interferir, uma vez que a escola depende das ações de divulgação das editoras para se manter informada do que está disponível. Assim sendo, mesmo desenvolvendo ações de marketing diferenciadas, conforme o tamanho das escolas, a indústria editorial interfere direta ou indiretamente na circulação do livro de literatura infantil no contexto escolar. O compromisso confesso da indústria editorial com o lucro pode ser observado quando os editores apontam maciçamente para as escolas que lhes garantam um faturamento mais favorecedor sem, no entanto, deixarem de marcar presença esporádica nas escolas menores, preparando o mercado em potencial.

As ações que garantem o êxito do mercado editorial não trazem qualquer novidade, uma vez que uma certa agressividade na divulgação direta ao mercado consumidor é premissa básica para o sucesso de venda de qualquer produto industrial. Mas isso não significa que a escola, principal mercado consumidor da indústria editorial, deva ter uma atitude passiva. A afirmação de sua autonomia nesse processo apoia-se no reconhecimento de que foi a escola a instituição que se delegou, historicamente, o ensino da leitura. E, para demarcar sua competência nessa função, precisa dominar os diversos discursos, cujas especificidade têm de ser consideradas, entre eles o da literatura infantil.

No entanto, antes de tomar para si a responsabilidade plena do processo de promoção da leitura do texto literário, as instituições educacionais, especialmente as da rede particular de ensino cuja estrutura física e material encontra-se em situação mais favorável, necessita de algumas mudanças de atitude. Para promover as alterações

necessárias à redefinição de seu papel em relação à literatura infanto-juvenil a escola precisa:

1. Compreender os vários aspectos constitutivos do livro literário, reconhecendo que ele guarda em sua essência características de uma criação artística, apesar de ser produzido como mercadoria pela indústria editorial. A par dessa compreensão, a escola deverá investir na formação do professor leitor, condição básica para a promoção da leitura de textos diversos, especialmente o literário, como dimensão essencial de suas ações didático-pedagógicas. Mesmo as escolas que investem na formação contínua de sua equipe na área metodológica, não privilegiam a formação do professor leitor, apesar de a leitura ser a ferramenta básica do trabalho intelectual.

2. Conhecer mais profundamente a indústria editorial brasileira e o que ela dispõe para o mercado educacional. Isso permitirá, não só conhecer a variedade e riqueza da literatura infantil disponível e o potencial de seu uso na dinâmica pedagógica, mas também preparar melhor os professores para uma mediação mais adequada do livro literário, criando condições de abordagem do texto em situações escolares sem reduzi-lo à condição de livro didático, desde a fase pré-escolar.

3. Definir com absoluta clareza o espaço que a literatura infantil deve ocupar na prática pedagógica, respeitando suas características constitutivas. Isso determinará a existência de uma biblioteca minimamente equipada e com um acervo adequado às necessidades da escola e de seus alunos, a cargo de profissionais devidamente formados para promover a utilização plena do espaço.

Essas medidas podem ajudar as escolas a se livrarem da condição de mero entreposto de venda das editoras e a ver a indústria editorial como fator de enriquecimento do trabalho com o livro de literatura no ambiente escolar. Por ter assumido o papel de mediadora entre o livro e a leitura, a escola deveria poder alcançar todas as nuances do texto literário para não transformá-lo numa simulação do livro didático, como bem recomendam os catálogos editoriais. Conforme tão bem compreendeu Benjamim, *"a verdadeira significação desses livros infantis (...) nada tem a ver (...) com a rigorosismo tacanho que levou a pedagogia racionalista a recomendá-los"*. (1993:242)

Ao buscar compreender melhor a relação existente entre a indústria editorial e o universo escolar, desvelando os meandros do modo de produção, divulgação e circulação do livro de literatura infantil em conformidade com as regras da indústria cultural, a pesquisa verificou que a utilização da obra literária na escola tende a ficar restrita à sua dimensão de mercadoria, gerada por um setor da produção capitalista.

Apesar de o livro de literatura para crianças encontrar-se entre as inúmeras mercadorias oferecidas para o consumo pela indústria cultural e estar submetido às mesmas condições de produção, ele ainda resiste a uma padronização total de seu uso, por guardar em sua forma a relação simultânea e indissociável do material com o espiritual. As características inerentes à criação artística garantem ao texto literário a possibilidade de superação da condição de apenas mais um veículo de massificação.

Maria das Graças
Monteiro Castro
Graduação em
Biblioteconomia,
especialização em
literatura infanto-
juvenil, mestrado
em Educação, profes-
sora da UEG -
Universidade Estadu-
al de Goiás/Departa-
mento de Educação.
Votante do Prêmio
FNLIJ.

Reflexões sobre
leitura e Iij. Fascículo
nº 9

Parte Integrante do
Notícias 1/00

Fundação Nacional do
Livro Infantil e Juvenil

Responsável:
Elizabeth D'Angelo Serra
Fotolito e Impressão:
PricewaterhouseCoopers